



A PERCEPÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR QUE TEMOS E A QUE QUEREMOS

Hugo Norberto Krug¹

Cassiano Telles²

Rodrigo de Rosso Krug³

RESUMO: Este estudo objetivou analisar a percepção de futuros professores de Educação Física sobre a Educação Física Escolar que se tem, na atualidade, e a que se quer para o futuro. A metodologia caracterizou-se como qualitativa e descritiva, do tipo de estudo de caso. As informações foram obtidas por um questionário e as interpretações das respostas se deram por meio da análise de conteúdo. Participaram 23 acadêmicos da Licenciatura em Educação Física de uma universidade pública da região sul do Brasil. Concluiu-se que a Educação Física Escolar já é de certa forma conhecida pelos acadêmicos estudados, mas que as informações obtidas não bastam para antecipar ou projetar a Educação Física Escolar que se quer para o futuro, sendo que não é possível conhecer sua totalidade nesse momento pré-profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Formação de Professores. Educação Física Escolar.

THE PERCEPTION OF FUTURE TEACHERS ABOUT THE SCHOOL PHYSICAL EDUCATION THAT HAVE AND THE THAT WANT

ABSTRACT: This study aimed to analyze the perception of future physical education teachers about the School Physical Education that have currently and the that want for the future. The methodology was characterized with qualitative descriptive of the type case study.

¹ Doutorado em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria/UNICAMP e Mestrado em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: hkrug@bol.com.br

² Mestre em Educação Física e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. E-mail: telleshz@yahoo.com.br

³ Doutor em Ciências Médicas (UFSC) E Mestre em Ciências do Movimento Humano (UDESC) Professor efetivo do Curso de Educação Física da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). E-mail: rodkrug@bol.com.br.



The information was obtained by a questionnaire and the interpretations of the answers it gave through content analysis. Participle 23 academics of Degree in Physical Education from a public university in southern Brazil. Conclude that the school physical education is already somewhat known by academics studied, but that the information obtained is not suffice from to anticipate or to project the physical education that want for the future, being that is not possible to know its all this moment pre-professional.

KEYWORDS: Physical Education. Teacher Formation. School Physical Education.

AS CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O CONTEXTO DO ESTUDO

De acordo com Kronbauer e Krug (2014), atualmente, tendo como finalidade a melhoria da qualidade de ensino na escola, as discussões sobre questões que envolvem a formação inicial de professores, em especial de Educação Física (EF), se tornam cada vez mais relevantes e frequentes, quando o objetivo é que o futuro professor se insira na educação básica seguro e detentor de conhecimentos que qualifiquem sua própria identificação como educador, nas suas ações junto aos seus alunos.

Desse modo, Ferreira e Krug (2001) afirmam que o principal objetivo de um curso de Licenciatura em EF é habilitar o futuro professor a ter consciência de seu papel como educador na docência da educação básica, isto é, na Educação Física Escolar (EFE).

Nesse sentido, os cursos de Licenciatura em EF precisam propiciar aos acadêmicos experiências profissionais que os coloquem no contexto em qual irão trabalhar futuramente. Assim, segundo Bernardi *et al.* (2008), o acadêmico vivencia situações em que resgata ou traz à tona suas experiências com o curso, adquiridas por meio das diferentes disciplinas oferecidas, para embasar e oferecer subsídios para a sua atuação como professor.

Além disso, é muito importante que o acadêmico, futuro professor, tenha uma compreensão da realidade atual de seu campo de atuação profissional, bem como consiga projetar para o futuro uma melhoria desse campo.

Dessa forma, torna-se importante um curso de formação inicial ir ao encontro da percepção dos acadêmicos sobre seu campo de atuação, para que se possa compreender e projetar uma formação mais qualificada. Diante disso, a questão problemática norteadora e o objetivo geral deste estudo referiram-se a um determinado curso de Licenciatura em EF de uma universidade pública da região sul do Brasil.

Portanto, a partir das premissas anteriormente relatadas foi que surgiu a questão problemática norteadora do estudo: qual é a percepção de futuros professores de EF sobre a



EFE que temos na atualidade e a que queremos para o futuro? Consequentemente, o objetivo geral foi analisar a percepção de futuros professores de EF de um curso de Licenciatura de uma universidade pública da região sul do Brasil sobre a EFE que temos na atualidade e a que queremos para o futuro. Entretanto, para atingirmos mais facilmente esse objetivo, elaboramos os seguintes objetivos específicos: 1) analisar a percepção de futuros professores de EF sobre a EFE que temos na atualidade; e, 2) analisar a percepção de futuros professores de EF sobre a EFE que queremos para o futuro.

Justificamos a realização deste estudo, acreditando que ele possa oferecer subsídios para reflexões que venham a despertar possibilidades de modificações no contexto da formação inicial de professores de EF que venham ocasionar uma melhoria na qualidade desses profissionais na sua atuação na escola.

OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHO DO ESTUDO

Este estudo caracterizou-se por ser uma pesquisa qualitativa descritiva, na forma de estudo de caso. De acordo com Godoy (1995), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de informações descritivas sobre pessoas, lugares e processos interativos, pelo contato direto dos pesquisadores com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação de estudo. Fazenda (1989) ressalta que na descrição de situações, pessoas, ou acontecimentos, todos os aspectos da realidade são importantes. Já Gil (1994, p.79) define que o estudo de caso se fundamenta “[...] na ideia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo mesmo, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistematizada e precisa”.

O instrumento utilizado para coletar as informações foi um questionário, contendo duas perguntas abertas. Acerca do questionário, Triviños (1987) diz que, mesmo sendo de emprego usual no trabalho positivista, também o podemos utilizar na pesquisa qualitativa. Como procedimento de construção do instrumento, as questões foram elaboradas, a partir do problema de pesquisa, levando em consideração os objetivos específicos do estudo.

A interpretação das informações coletadas pelo questionário foi feita pela análise de conteúdo, definida por Bardin (1977), como um conjunto de técnicas de análise das



comunicações, visando obter indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens dos informantes. O autor diz que a análise de conteúdo prevê três etapas. A primeira é uma pré-análise para definir a preparação formal dos dados. Em seguida, ocorre a exploração do material, quando os dados são lidos e categorizados. E, por fim, o tratamento dos resultados, ocorrendo a sua lapidação, dando maior significado, indo além do que está implícito nos documentos.

Participaram deste estudo vinte e três acadêmicos do 8º semestre de um determinado curso de Licenciatura em EF de uma universidade pública da região sul do Brasil. Consideramos que os acadêmicos, no final do referido curso, teriam mais pertinência para opinar sobre as questões levantadas pelo estudo e, dessa forma, esse foi o caso estudado. A escolha dos participantes aconteceu de forma espontânea, e a disponibilidade dos sujeitos foi o fator determinante. Molina Neto (2004) coloca que esse tipo de participação influencia positivamente no volume e credibilidade das informações disponibilizadas pelos colaboradores. Quanto aos aspectos éticos vinculados às pesquisas científicas, destacamos que todos os envolvidos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e as suas identidades foram preservadas.

OS RESULTADOS E AS DISCUSSÕES: AS PERCEPÇÕES DOS FUTUROS PROFESSORES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Os resultados e as discussões deste estudo foram orientados e explicitados pelos seus objetivos específicos, pois eles representaram as categorias de análise. Essa decisão está em consonância com o que afirmam Minayo; Deslandis e Gomes (2007) de que categorias de análise são divididas em classes que reúnem um grupo de elementos gerados a partir da pesquisa de campo, sob um título genérico. Os autores ainda destacam que a categorização pode ser construída, previamente, quanto pode surgir como resultado da análise do material de pesquisa. Nesse sentido, tivemos as categorias de análise construídas previamente.

A seguir, apresentamos o que expressaram os futuros professores sobre a EFE que temos, na atualidade, e a que queremos para o futuro, pois, segundo Sarmiento e Fossati (2011), a proposição de espaços e tempos para a escrita e problematização das percepções de



futuros professores sobre a profissão docente são fundamentais porque podem apontar dimensões importantes a serem consideradas em sua formação inicial.

A Educação Física Escolar que temos na atualidade

Da percepção dos acadêmicos estudados a respeito da EFE que temos na atualidade, após a análise das informações coletadas, emergiram doze unidades de significados que se caracterizaram por uma visão negativa dessa disciplina na escola.

A partir deste momento abordamos, uma a uma, as unidades de significados apresentadas como fenômenos decorrentes das percepções dos acadêmicos.

‘Uma EFE com turma de alunos separados por sexo’ (vinte e três citações) foi o primeiro fenômeno destacado. Esse fato pode ser fundamentado por Conceição *et al.* (2004c) que, no estudo denominado “A estrutura organizacional da Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria-RS”, diagnosticaram que a forma de separação das turmas de alunos de EF na escola foi na sua maioria ‘por sexo’ (55,5%). Nesse sentido, Costa; Silva e Ávila (2000) dizem que, de acordo com estudos sobre gênero, as aulas de EF reproduzem uma cultura sexista, sendo que a escola trabalha com o modelo masculino, contribuindo, dessa forma, para a neutralização das meninas, reafirmando a redistribuição das diferenças, porque impede a recriação por parte do sexo feminino.

‘Uma EFE com falta de espaço físico e materiais para o desenvolvimento das aulas’ (vinte e duas citações) foi o segundo fenômeno destacado. Quanto a esse fato citamos Krug (2008) que, em seu estudo intitulado “Vale a pena ser professor... de Educação Física Escolar?”, desenvolvido com professores da cidade de Santa Maria-RS, constatou a “[...] falta de espaço físico adequado à prática da EF, bem como a falta de materiais para serem utilizados nas aulas”. Nesse sentido, o mesmo autor destaca que essas duas deficiências de infraestrutura das escolas (falta de local e material) fazem com que os professores de EF enfrentem enormes dificuldades para o desenvolvimento de uma prática pedagógica de maior qualidade. Realmente, Krug (2004) e Conceição *et al.* (2004b) enfatizam que a falta de materiais e espaço físico disponíveis para a realização das atividades são fatores que interferem negativamente na prática pedagógica dos professores de EF.



‘Uma EFE que possui como objetivo somente o aspecto motor/físico do aluno’ (quinze citações) também foi outro fenômeno destacado. Esse fato pode ser corroborado por Conceição *et al.* (2004a) que, no estudo denominado “A valorização da Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria-RS” constataram que o objetivo da EF no currículo escolar mais apontado foi o ‘desenvolvimento motor/físico’ (37,0%). Também Conceição *et al.* (2004d) no estudo “A prática pedagógica do professor de Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria-RS” constataram que a maioria (57,9%) dos professores estudados afirmaram que o tipo de objetivo utilizado nas aulas de EFE foram os motores/físicos. Nesse direcionamento de constatação citamos Oliveira (1984) que diz que a EF, ao ser uma atividade essencialmente prática, faz com que a sociedade reconheça o professor de EF simplesmente como um agente de instrução física.

Outro fenômeno destacado foi ‘uma EFE que não é importante no currículo escolar’ (doze citações). A respeito desse fato, reportamo-nos a Conceição *et al.* (2004a) que, no estudo “A valorização da Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria-RS” constatam que a EF é uma disciplina importante no currículo escolar somente para 2,5% dos entrevistados (pais, professores e alunos). Isso vai ao encontro do ressaltado por Macedo e Antunes (1999), ao afirmarem que a presença da disciplina de EF na escola é questionada, em geral, sendo colocada em nível de inferioridade em relação às demais.

‘Uma EFE que é desvalorizada pela sociedade’ (onze citações) foi mais um fenômeno destacado. Relativamente a esse fato, mencionamos Krug (2008) que, no estudo “Vale a pena ser professor... de Educação Física Escolar?” concluiu que o trabalho dos professores de EF nas escolas, muitas vezes, não é reconhecido pela sociedade, sendo a EF desvalorizada até mesmo pelos professores das outras disciplinas. Nesse sentido, Castilho; Charão e Ligabue (2004) colocam que a desvalorização do professor é um processo antigo, pois, com o passar do tempo, essa categoria foi tendo uma mutação, ou seja, aconteceu uma desvalorização profissional, e quem mais sofre são os profissionais da rede pública de ensino.

O fenômeno ‘uma EFE desenvolvida no turno inverso das demais disciplinas do currículo escolar’ (dez citações) foi também destacado. Sobre esse fato nos reportamos a Conceição *et al.* (2004c) que, em seu estudo intitulado “A estrutura organizacional da Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria-RS” diagnosticaram que o turno de realização das aulas de EF, nas escolas estudadas, com a maior incidência porcentual foi ‘fora



do turno normal das demais disciplinas' (38,9%). Também Krug *et al.* (2016) destacam em seu estudo “A cultura da Educação Física Escolar” que a cultura organizacional da EF nas escolas estudadas (em Santa Maria-RS) é caracterizada pela realização das aulas em contra-turno escolar (também denominado de turno inverso). Nesse sentido, Conceição *et al.* (2004c) esclarecem que a EFE ser oferecida fora do turno normal das outras disciplinas do currículo escolar, acarreta uma disponibilidade dos alunos em dois turnos para sua escolarização. Isso impede ao aluno, dependendo sua faixa etária e necessidade, a sua inserção no mercado de trabalho ou em outros afazeres familiares.

Outro fenômeno destacado foi ‘*uma EFE que tem o seu conteúdo esportivizado*’ (oito citações). Esse fato está em concordância com o estudo intitulado “A prática pedagógica de professores de Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria-RS”, de Conceição *et al.* (2004d), que verificaram que a maioria dos professores declararam que ‘os tipos de conteúdo mais utilizados nas aulas foram o voleibol (63,2%), o futsal (57,9%), o handebol (52,6%) e o basquetebol (50,0%)’. A esse respeito citamos Betti (1999) que já cobrava, tempos atrás, que o esporte tornou-se conteúdo hegemônico das aulas de EF, na escola, porém apenas algumas modalidades esportivas são eleitas pelos professores. São elas: o futebol, o voleibol e o basquetebol. E, nesse direcionamento de acontecimentos, a autora destaca que a EF na escola assumiu o ensino do esporte, praticamente, como única estratégia e essa é uma constatação fácil de ser percebida em toda a instituição escolar. Também Rech *et al.* (2001) colocam que os desportos coletivos são utilizados em larga escala como conteúdos didáticos pela escola para um aprimoramento, tanto das qualidades físicas, como das relações sociais entre indivíduos. Os esportes coletivos mais praticados e difundidos em nosso país são o futsal, o voleibol, o basquetebol e o handebol, e cada um apresenta características próprias e desenvolve as capacidades de forma diferente.

‘*Uma EFE com número excessivo de alunos nas turmas*’ (sete citações) foi mais um fenômeno destacado. Essa situação está em consonância com Conceição *et al.* (2004c) que no estudo nomeado “A estrutura organizacional da Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria-RS” constataram que ‘a média dos alunos por turma nas aulas de EF, nas escolas estudadas, foi, em sua maioria, de 21 a 25 alunos (52,8%), mas, também, verificaram que apenas a média de 26 a 30 alunos (30,5%) e mais de 30 alunos (2,8%)’. Nesse sentido, Souza



e Portela (2000) destacam que o excessivo número de alunos em sala de aula é um problema que dificulta a prática pedagógica dos professores de EF na escola.

Outro fenômeno destacado foi ‘*uma EFE com uma estrutura organizacional das aulas em forma de clubes esportivos*’ (sete citações). Em referência a esse fato citamos Conceição *et al.* (2004c) que, no estudo nomeado “A estrutura organizacional da Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria-RS” constataram que não há uma unidade organizacional no ensino da EF, mas algumas escolas estudadas (5,5%) utilizam o sistema de clubes, e a ênfase é colocada na aprendizagem de um desporto. Entretanto, de acordo com esses mesmos autores, a criação dos ‘clubes esportivos’ é uma forma organizacional da EFE que pode interferir na qualidade de ensino dessa disciplina.

‘*Uma EFE em que o professor recebe um salário baixo*’ (sete citações) foi mais um fenômeno destacado. Esse fato pode ser embasado por Conceição *et al.* (2004e) que, no estudo nomeado “O perfil do professor de Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria-RS”, constataram que a grande maioria (83,3%) dos professores declarou ‘insatisfação com o salário’. Também Krug (2008) em seu estudo “Vale a pena ser professor... de Educação Física Escolar?” verificou que professores da rede pública de ensino de Santa Maria-RS manifestaram, em sua totalidade, uma ‘insatisfação com o salário recebido’. Nesse sentido, Castilho; Charão e Ligabue (2004) destacam que o quadro de insatisfação salarial dos professores de EF poderá levar a uma interferência na qualidade de suas aulas.

Dessa forma, Ramos e Spolon (2005) fazem o seguinte questionamento: como o professor com baixo salário irá proporcionar ao seu aluno um ensino atualizado, diversificado e de qualidade, se com o salário que ganha, mal consegue sobreviver? Salientam, ainda, que alguns têm vontade de fazer cursos de pós-graduação, enfim, progredir profissionalmente, mas não possuem condições financeiras. Isso, de certa forma, faz com que o professor se sinta minimizado em relação às demais profissões. Já segundo Krug (2008), a manifestação de descontentamento salarial do professor provoca um sentimento de mal-estar profissional determinando um fechamento à ‘mudança’ e às possibilidades de inovações, gerando a alienação e a frustração, o que logicamente interfere na qualidade do ensino.

‘*Uma EFE em que o professor não planeja as aulas*’ (sete citações) também foi mais um fenômeno destacado. Esse fato pode ser corroborado por Krug *et al.* (2016) que, no estudo “A cultura da Educação Física Escolar” verificaram a “[...] existência de uma cultura de não



planejamento das aulas de EF por parte dos professores de EFE da rede pública de ensino de uma cidade do interior do RS (Santa Maria)”. Pereira (1999) diz que a maioria dos professores de EF com experiência docente não planifica as suas aulas e justifica a sua opção, por entender que é algo desnecessário. Já Souza e Portela (2000) constataram que a falta de tempo dos professores para planejamento e para o trabalho com os outros colegas, nas atividades escolares, é um dos problemas que dificultam a prática dos professores.

‘Uma EFE em que o professor não é visto como um educador’ (três citações) foi o último fenômeno destacado. Nesse direcionamento, de fato, reportamo-nos a Krug *et al.* (2014) que dizem que o professor de EF não é visto como um educador, destacando os diversos papéis desempenhados por eles, na escola: promotor de saúde, treinador de esportes, nutricionista, tapa-furo, rolator de bola e reproduzidor de movimentos corporais.

Ao realizarmos uma análise geral das percepções dos acadêmicos estudados sobre a EFE que temos, na atualidade, verificamos que eles possuem uma ‘visão negativa’ dela, caracterizada por diversos determinantes e, segundo Krug *et al.* (2014), esses fatores alertam para a existência de uma despotencialização docente na EF, ou seja, uma visão que vê um Estado (país) que demonstra que não tem um olhar de reconhecimento sobre a profissão docente. Dessa forma, consideramos esse quadro de ‘negatividades’ presentes na EFE que temos, na atualidade, como fator de dificuldades para os docentes e, que, com certeza, comprometem a qualidade do ensino. Essa inferência pode ser sustentada por Mattos (1994) que diz que a docência é uma das profissões que mais causa desgastes psicológicos, emocionais e físicos. Assim, esse trabalho que poderia ser uma fonte de realização pessoal e profissional torna-se penoso, frustrante e todas as situações novas que poderiam servir como motivação, passam a ser uma ameaça temida e, portanto, evitada. Destaca, ainda, que o professor, cada vez mais, tem se ressentido em seu cotidiano profissional, pois os sentimentos de desilusão, de desencantamento com a profissão e quanto essa profissão está vulnerável ao mal-estar docente são frequentemente relatados

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR QUE QUEREMOS PARA O FUTURO

Da percepção dos acadêmicos estudados a respeito da EFE que queremos para o futuro, após a análise das informações coletadas, emergiram nove unidades de significados que se caracterizaram por uma visão positiva dessa disciplina na escola.



A partir deste momento abordaremos, uma a uma, essas unidades de significados apresentadas como fenômenos decorrentes das percepções dos acadêmicos.

‘*Uma EFE que tenha conteúdo além do esporte*’ (treze citações) foi o primeiro fenômeno destacado. Referente a esse fato nos reportamos a Rangel *et al.* (2005b) que ressaltam que a EF na escola deve seguir alguns princípios, sendo um deles o princípio da diversidade, que propõe uma EF com conteúdos diversificados, não privilegiando, por exemplo, nenhuma modalidade esportiva. Salientam que garantir a diversidade, como princípio, é propiciar ao aluno vivências corporais nos jogos, nos esportes, nas danças, na ginástica, nas lutas e na capoeira.

‘*Uma EFE que tenha uma estrutura física e material de qualidade*’ (dez citações) foi o segundo fenômeno destacado. A respeito desse fato mencionamos Rangel *et al.* (2005a), que colocam que a aula de EFE pode ser desenvolvida nos mais diversos espaços, como o pátio escolar, quadras, campos, salas e outros que houver na escola e o professor achar conveniente para o objetivo que pretende atingir com a aula, ou, até mesmo, na sala de aula tradicional. Entretanto, os autores destacam que esse cenário de diversos locais difere das outras disciplinas do currículo escolar que normalmente usam apenas a sala de aula tradicional.

‘*Uma EFE que seja valorizada pela sociedade*’ (nove citações) também foi outro fenômeno destacado. Em se tratando desse fato, Macedo e Antunes (1999) ressaltam que a EF atrai a atenção da sociedade, satisfaz as necessidades, desperta interesses, sendo caracterizada como um bem, digno de ser estimado e válido para a vida de todo o ser humano, logo, é valorizada, tem seu valor. Já Meleiro (2007 *apud* KRUG, 2008) diz que ser professor é uma profissão louvável que merece respeito e consideração pela nobre missão de quem a exerce, de transmitir seus conhecimentos aos alunos. Ainda citamos Ramos e Spolon (2005, p.202), que dizem que “[...] a valorização profissional é de certo modo um incentivo, para qualquer profissional trabalhar com satisfação. Pesquisas mostram que profissionais satisfeitos apresentam resultados significativos e de qualidade”.

Outro fenômeno destacado foi ‘*uma EFE que seja planejada pelo professor e de qualidade*’ (seis citações). Sobre esse fato citamos Canfield (1996), que ressalta que o planejamento é a pedra fundamental, a razão de ser de todo o trabalho pedagógico consistente. É o que orienta o professor na sua caminhada pedagógica, em busca da aprendizagem de seus



alunos. Nesse direcionamento, Pereira (1999) afirma que os professores que planificam as suas aulas apontam como principal razão a necessidade de se estruturarem os progressos da aprendizagem dos alunos.

‘*Uma EFE em que o professor tenha um papel de educador*’ (cinco citações) foi mais um fenômeno destacado. Em torno dessa questão é importante citar Luckesi (1992), que afirma que o professor educador é aquele que, tendo adquirido o nível de cultura necessária para o desempenho de sua função, dá direção ao ensino e à aprendizagem. Ele assume o papel de mediador entre a cultura elaborada, acumulada e em processo de acumulação pela humanidade e o educando. O professor fará a mediação entre os resultados da cultura, ou seja, o coletivo da sociedade e o individual do aluno. O seu papel é de mediador social entre o universo da sociedade e o particular do educando. Para que possa exercer sua função, o professor deve possuir conhecimentos e habilidades suficientes para poder auxiliar o aluno no processo de elaboração cultural. Já, segundo Ilha *et al.* (2007), a EF deve participar do processo de construção do cidadão, visto que possui potencial efetivo para influenciar significativamente a vida dos jovens. Ainda é interessante citar Batista e Codo (1999), que colocam que o papel do professor, em dias mais recentes, não é apenas informar ou transmitir o saber, mas também, formar e educar.

Outro fenômeno destacado foi ‘*uma EFE que seja no turno normal das demais disciplinas do currículo escolar*’ (quatro citações). Esse fato pode ser embasado em Darido *et al.* (1999), que dizem que a EF, realizada no mesmo turno das demais disciplinas, tem papel importante na democratização do acesso dos alunos às suas aulas, diminuindo o número de alunos faltosos e dispensados. Além disso, os autores consideram que, dessa forma, há uma maior chance de a EF estar integrada à proposta pedagógica da escola, tal como propõe a nova LDB/96.

‘*Uma EFE em que o professor tenha um bom salário*’ (quatro citações) também foi mais um fenômeno destacado. Braga da Cruz *et al.* (1988) afirmam que um dos fatores de destaque para o bom desenvolvimento docente e considerado importante pela classe docente (46%) é a condição de ‘bem pago’. Assim sendo, os autores referem que a condição docente está intimamente ligada a fatores intrínsecos, sendo que os professores também buscam serem valorizados economicamente perante a sociedade.



‘Uma EFE que seja com turma de alunos mista’ (quatro citações) foi mais um fenômeno destacado. Relativamente a esse fato, citamos Jesus e Devide (2006) que afirmam que as aulas mistas surgiram no cenário da EFE sob a argumentação da possibilidade de desconstrução de estereótipos sexuais e a viabilização dos conteúdos para ambos os sexos, de forma igualitária.

O último fenômeno destacado foi ‘uma EFE que seja para todos, sem exclusão e sim inclusiva’ (duas citações) Sobre esse fato nos reportamos a Rangel *et al.* (2005b), que ressaltam que a EF deve seguir alguns princípios da inclusão com a não exclusão, segundo os quais nenhum aluno pode ser excluído de qualquer aula, o que procura garantir o acesso de todos os alunos às atividades propostas.

Ao realizarmos uma análise geral da percepção dos acadêmicos estudados sobre a EFE que queremos para o futuro, verificamos que eles possuem uma ‘visão positiva’ dela, caracterizada por diversas modificações em relação à EFE que temos na atualidade. Esse fato está em concordância com Krug e Krüger (2007), que ressaltam a importância do desejo de envolvimento dos educadores e/ou também dos futuros professores para mudar a forma como a EF está legitimada na escola, ou, mesmo, reconstruir o seu espaço no currículo.

AS CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS: A INTERPRETAÇÃO DO ESTUDO

Salientamos que as conclusões deste estudo não se findam neste momento, porque outros aspectos podem ser levantados e discutidos em relação ao tema. Assim, o que escrevemos aqui são alguns pontos que os participantes trouxeram em seu depoimento e que achamos significativos para serem apresentados. E, nesse direcionamento da ideia, nos reportamos a Lüdke e André (1986, p. 22) que salientam que há necessidade de delimitar os focos de análise, pois “[...] nunca será possível explorar todos os ângulos do fenômeno num tempo razoavelmente limitado”, mesmo se tratando de uma pesquisa do tipo estudo de caso.

Então, neste momento, foi fundamental ressaltarmos que este estudo assumiu como objetivo geral analisar a percepção dos futuros professores de EF sobre a EFE que temos na atualidade e a que queremos para o futuro a qual agora tentaremos explicitar.

Quanto à EFE que temos, na atualidade, os acadêmicos estudados possuem uma percepção ‘negativa’, caracterizada por doze fenômenos determinantes: é desvalorizada pela



sociedade; não é importante no currículo escolar; tem como objetivo somente o aspecto físico/motor do aluno; falta de espaço físico e material para o seu desenvolvimento; acontece no turno inverso das demais disciplinas do currículo escolar; as turmas têm um número excessivo de alunos; as turmas são separadas por sexo; as aulas são organizadas na forma de clubes esportivos; o conteúdo é esportivizado; o professor não é visto como um educador; não planeja as aulas; e recebe um salário baixo. Esse quadro sugere uma inferência de despotencialização docente.

Assim sendo, essa percepção ‘negativa’ pode ser analisada a partir da fala de Adorno (1995, p.178), que diz: “[...] as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma”. Resta-nos analisar que esta ‘negatividade’ pode estar relacionada com a forma como o acadêmico, em tempos de educação básica, absorveu, ou não, esse ‘movimento renovador’ da EF, ao longo dos 20 anos. Não há dúvida dos avanços que esse movimento trouxe para a EF, mas também entendemos que ele ainda não conseguiu atingir, na prática, os avanços teórico-epistemológicos produzidos até então. Acreditamos que resistir aos ranços da EF tradicional ainda é uma realidade e uma questão a ser trabalhada, sendo que acreditamos que, pelos depoimentos dos acadêmicos, mesmo que com resistência, estamos conquistando nossa emancipação e não nos deixando enganar pelos modismos e por uma falsa igualdade, em nome da identificação com o coletivo que se encontra.

Quanto à EFE que queremos para o futuro, os acadêmicos estudados possuem uma percepção ‘positiva’, caracterizada por nove fenômenos/desejos: seja valorizada pela sociedade; tenha estrutura física e material de qualidade; aconteça no turno normal das demais disciplinas do currículo escolar; tenha turmas mistas; tenha um bom salário; seja no turno normal; uma EFE que seja para todos;

Assim, analisando as percepções ‘positivas’, entendemos que os principais fenômenos estão propostos com o objetivo de formar um professor crítico e autônomo. Um professor capaz de continuar refletindo sobre sua prática, de modo a impedir que os fenômenos negativos citados anteriormente se tornem prejudiciais à imagem da EFE. Por outro lado, mostra também que eles estão conscientes de que a melhoria da EFE é necessária, mas que



está sujeita a outros fatores, como a valorização do profissional, tanto nas condições salariais quando de infraestrutura.

A partir dessas percepções dos acadêmicos, podemos concluir que a EFE que temos, na atualidade, já é, em boa parte, conhecida por eles, entretanto, é certo que as impressões obtidas na formação inicial não bastam para antecipar e/ou projetar a EFE que queremos para o futuro, pois não é possível conhecer totalmente a EFE que temos na atualidade, sob o ponto de vista pré-profissional. Justificamos essa inferência, ao citarmos Krug (1996), que diz que a formação profissional inclui em seu programa um forte componente de reflexão, a partir de situações práticas reais, sendo que ele contribui para que o futuro professor se sinta capaz de enfrentar situações novas e diferentes, de tomar decisões apropriadas e fundamentadas em um paradigma eficaz que interligue teoria e prática.

Para finalizar, sugerimos a realização de estudos mais aprofundados sobre as percepções dos acadêmicos em relação à EFE, pois elas podem contribuir para uma formação profissional de qualidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, Analía S.; CODO, Wanderley. Crise de identidade e sofrimento. In: CODO, W. (Coord). **Educação, carinho e trabalho** – Bourmont, a síndrome da desistência do educador, que leva à falência da educação. Petrópolis: Vozes/Brasília: CNTB e UnB, 1999.

BERNARDI, Ana Paula et al. Formação inicial: a disciplina de Prática de Ensino como meio de experimentar a Educação Física Escolar. In: KRUG, Hugo Norberto; KRÜGER, Leonardo Germano; CRISTINO, Ana Paula da Rosa (Orgs.). **Os professores de Educação Física em formação**. Santa Maria: UFSM, 2008.

BETTI, Irene Conceição Andrade Rangel. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Revista Motriz**, Rio Claro, v.1, n.1, p. 25-31, jun., 1999.

BRAGA DA CRUZ, Maria et al. A situação do professor em Portugal: relatório da comissão criada pelo despacho 114/ME/88 do Ministério da Educação. **Revista Análise Social**, Lisboa, v.24 n.103, p.1187-1293, 1988.



CANFIELD, Marta de Salles. Planejamento das aulas de Educação Física: é necessário? In: CANFIELD, Marta de Salles (Org.) **Isto é Educação Física!** Santa Maria: JtC Editor, 1996.

COSTA, Maria R.F.; SILVA, Raquel G.; ÁVILA, Astrid Becker. Relações de gênero no cotidiano das aulas de Educação Física de 5ª a 8ª séries de ensino fundamental. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 8., 2000, Lisboa. **Anais**, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2000.

CASTILHO, Ana L.; CHARÃO, Carine; LIGABUE, Laura. Quando vale um professor? **Revista Educação**, São Paulo: Segmento, jun., 2004.

CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da et al. A valorização da Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria (RS). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, XXIII, 2004, Pelotas. **Anais**, Pelotas: ESEF/UFPEL, 2004a. CD-ROOM.

CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da et al. Os aspectos ambientais, físicos e materiais da educação Física no ensino fundamental em Santa Maria (RS). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, XXIII, 2004, Pelotas. **Anais**, Pelotas: ESEF/UFPEL, 2004b. CD-ROOM.

CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da et al. A estrutura organizacional da Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria (RS). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, XXIII, 2004, Pelotas. **Anais**, Pelotas: ESEF/UFPEL, 2004c. CD-ROOM.

CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da et al. A prática pedagógica do professor de Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria (RS). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, XXIII, 2004, Pelotas. **Anais**, Pelotas: ESEF/UFPEL, 2004d. CD-ROOM.

CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da et al. O perfil do professor de Educação Física no ensino fundamental em Santa Maria (RS). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, XXIII, 2004, Pelotas. **Anais**, Pelotas: ESEF/UFPEL, 2004e. CD-ROOM.

DARIDO, Soraya Cristina et al. Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.5, n.2, p.138-145, dez., 1999.

FAZENDA, Ivani (Org). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRA, Fabiane Ferreira; KRUG, Hugo Norberto. A reflexão na Prática de Ensino em Educação Física. In: KRUG, Hugo Norberto (Org). **Formação de professores reflexivos: ensaios e experiências**. Santa Maria: O Autor, 2001.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, mai./jun., 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Altas, 1994.



ILHA, Franciele Roos da Silva et al. Refletindo a prática pedagógica do professor de Educação Física através da organização de suas aulas. In: SEMINÁRIO EM EPISTEMOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2., 2007. Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: CEFD/UFSM, 2007. CD-ROOM.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação Física Escolar, co-educação e gênero: mapeamento representações de discentes. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.12, n.3, p.123-140, set./dez., 2006.

KRONBAUER, Carla Prado; KRUG, Hugo Norberto. Os significados do 'ser professor' na percepção de acadêmicos em situação de Estágio Curricular Supervisionado de um curso de Licenciatura em Educação Física. **Revista Querubim**, Niterói, a.10, n.23, v.1, p.24-29, 2014.

KRUG, Hugo Norberto. A competência pedagógica do professor de Educação Física. In: CANFIELD, Marta de Salles (Org.). **Isto é Educação Física!** Santa Maria: JtC Editor, 1996.

KRUG, Hugo Norberto. **Rede de auto-formação participada como forma de desenvolvimento profissional de Educação Física**, 2004. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

KRUG, Hugo Norberto. Vale a pena ser professor.... de Educação Física Escolar? **Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, a.13, n.122, p.1-7, jul., 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/edf122/vale-a-pena-ser-professor-de-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 10 de set. 2014.

KRUG, Hugo Norberto et al. A docência na visão de futuros professores de Educação Física. **Revista Saberes**, Natal, v.1, n.10, p.186-212, nov., 2014.

KRUG, Hugo Norberto et al. A cultura da Educação Física Escolar. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.25, n.1, p.61-77, jan./jun., 2016.

KRUG, Hugo Norberto; KRUGÜER, Leonardo Germano. A estruturação organizacional da Educação Física no ensino médio em Santa Maria (RS) nas escolas com Estágio Curricular Supervisionado do CEFD/UFSM. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 26., 2007, Pelotas. **Anais**, Pelotas: ESEF/UFPEL, 2007. CD-ROOM.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MACEDO, Roberta Lélis de; ANTUNES, Rita de Cássia de Souza. Valorização da Educação Física: da produção acadêmica ao reconhecimento individual e social. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v.2, n.1, p.65-83, 1999.

MATTOS, Mauro Gomes de. **Vida no trabalho e sofrimento mental do professor de Educação Física da escola municipal: implicações em seu desempenho e na vida pessoal**,



1994. Tese (Doutorado em Administração Escolar) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

MINAYO, Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Otávio Cruz Neto Romeu (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas e investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PEREIRA, Paulo. A planificação em Educação Física. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DOS PAÍSES DE LINGUA PORTUGUESA, 7., 1999, Florianópolis. **Livro de Resumos**, Florianópolis: UFSC/UDESC, 1999.

RANGEL, Irene Conceição Andrade et al. O ensino reflexivo como perspectiva metodológica. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Coords.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005a.

RAMOS, Flávia M.; SPGOLON, Ana. Ser educador, até quando vale a pena. In: HETGES, Angelita et al. (Orgs.). **Construindo práticas educativas interdisciplinares**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2005.

RANGEL, Irene Conceição Andrade et al. Os objetivos da Educação Física na escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Coords.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005b.

RECH, Cassiano R. et al. Comparação entre os níveis de aptidão motora de alunos participantes de equipes escolares em diferentes modalidades esportivas na cidade de Santa Maria-RS. In: CONGRESSO MERCOSUL DE CULTURA CORPORAL E QUALIDADE DE VIDA, I., 2001, Ijuí. **Anais**, Ijuí: Unijuí, 2001.

SARMENTO, Dirléia Fanfa; FOSSATTI, Paulo. A docência na visão de futuras professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Conhecimento e Diversidade**, Niterói, n.6, p.42-57, jul./dez., 2011.

SOUZA, Magne Odilene Costa de; PORTELLA, Luiz Osório Cruz. Um estudo de caso sobre problemas da escola. **Revista Kinesis**, Santa Maria, n.22, p.151-164, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais – pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.